

Regras e restrições: a propósito de nomes de qualidade resultantes de conversão deadjectival

Margarita Correia
FLUL / ILTEC / SILEX (UMR, CNRS)

0. Introdução

Um dos objectivos da morfologia construcional é, como se sabe, a descrição das regras que intervêm na construção de palavras de estrutura compósita analisável no quadro da língua em causa. Porém, as regras descritas revelam-se, frequentemente, hipergerativas, permitindo a construção de unidades que, embora possíveis no âmbito dessas regras, não se encontram atestadas e não são consideradas palavras possíveis de acordo com a competência linguística dos falantes da língua em apreço.

Tal facto acontece, porque sobre as regras de construção de palavras (RCPs) operam determinadas restrições, em relação às quais, no entanto, a morfologia ainda não adquiriu um conhecimento pormenorizado.

Em Correia (1999), investigação realizada no quadro do modelo SILEX¹, pretendeu-se descrever os tipos de estruturas morfológicas que, em português, podem funcionar como nomes de qualidade².

Nesse trabalho, verificou-se que os mais típicos nomes de qualidade do português são substantivos deadjectivais resultantes de sufixação. Para a construção destes substantivos, esta língua dispõe dos sufixos *-ia* (*rebeldia, ablefaria*), *-idade* (*humanidade, solidariedade*), *-ismo* (*cinzentismo, espiritualismo*), *-ez* (*hirsutez, malvadez*), *-eza* (*beleza, justeza*), *-ice* (*velhice, palermice*), *-eira* (*cegueira, parvoeira*), *-idão* (*branquidão, imensidão*) e *-ura* (*brancura, ternura*), que repartem entre si as bases disponíveis de acordo com determinadas restrições genericamente descritas no Capítulo 7 da obra acima referida.

Apesar da aparente regularidade presente na língua relativamente à possibilidade de construir nomes de qualidade deadjectivais por sufixação, foi detectado um conjunto destes nomes resultantes de conversão deadjectival. O facto parece ainda mais paradoxal dado que a chamada conversão de abstracção não parece ser um processo completamente disponível em português, dado o escasso número dos seus produtos.

Dadas estas circunstâncias, revelou-se imprescindível procurar explicar o porquê de se encontrar em português este pequeno conjunto de nomes de qualidade deadjectivais convertidos, facto que, visto de outro prisma, consistirá em explicar as lacunas lexicais resultantes da inexistência dos substantivos sufixados equivalentes a estas bases adjectivais.

Com este trabalho, proponho-me, portanto, num primeiro momento, dar conta dos tipos de conversão deadjectival disponíveis na língua portuguesa, para, em seguida, procurar, explicar, com base em alguns exemplos (*cheio_N, insólito_N, naif_N, animalesco_N, oco_N e vazio_N*) as restrições que operam sobre as regras de sufixação e que se encontram na base da construção destes nomes.

1. Tipos de conversão deadjectival disponíveis em português

Em português encontram-se três tipos de substantivos deadjectivais resultantes de conversão.

¹ O modelo SILEX é um modelo de morfologia construcional, associativo e estratificado, concebido por Danielle Corbin (Universidade de Lille 3) e desenvolvido pela equipa do SILEX (Syntaxe, Interprétation et Lexique – UMR do CNRS). Cf. Corbin (1987), (1991) e (a publicar).

² No âmbito deste artigo, entende-se por nome de qualidade qualquer substantivo parafraseável por “qualidade de X/o facto de ser X”, sendo X tipicamente um adjectivo. Os nomes de qualidade caracterizam-se, ainda, por serem substantivos abstractos e sincategoremáticos – cf. Galmiche & Kleiber (1996).

Em primeiro lugar, importa referir um número muito significativo de substantivos, geralmente concretos, sendo o seu processo a conversão de focalização. Este processo consiste em denominar uma categoria referencial através de uma das suas características, expressa pelo adjectivo de base – cf. D. & P. Corbin (1991). Em português (e noutras línguas românicas), a conversão de focalização é um dos mais disponíveis processos de construção de palavras, estando na base da construção de inúmeras denominações de instrumentos (exs.: *aspirador, aparafusadora*), aparelhos/máquinas (exs.: *eléctrico, torradeira*), recipientes (exs.: *saleiro, leiteira*), profissionais (exs.: *leiteiro, jornalista, programador*), naturais ou habitantes de países (exs.: *holandês, peruano*), etc.

Em seguida, deverão referir-se os nomes das cores básicas em português (exs.: *preto, branco, vermelho*), que constituem um grupo bastante restrito, apresentando um funcionamento sintáctico-semântico bastante particular, que não cabe, neste momento, explicitar.

Por fim, importa referir o conjunto acima referido, isto é, o dos substantivos de adjectivais passíveis de funcionarem como denominações de qualidades. Segundo D. & P. Corbin (1991: 77), estes substantivos relevam de um tipo particular de conversão, a conversão de abstracção.³

2. Explicação de alguns casos

Em Correia (1999), defende-se que os nomes de qualidade atestados resultantes de conversão de abstracção são aqueles que equivalem a adjectivos que, por restrições à aplicação da regra mais geral permitindo a construção de nomes de adjectivais por sufixação. Essas restrições são de índole vária (fonológica, morfológica, semântica, referencial ou relacionadas com o uso), não permitem a construção de um substantivo correspondente por sufixação.

Neste ponto pretende-se, a partir da análise de alguns exemplos concretos, discernir que tipos de restrições podem operar sobre a referida RCP.

2.1. Cheio

O adjectivo *cheio*, do latim *plenu-*, apresenta um padrão fonológico particular. Para além dele, apenas foram recenseados três adjectivos terminados em *-eio* em português: *alheio, centeio*⁴ e *feio*. A maior parte das palavras terminadas em *-eio* em português são substantivos derivados, de acordo com o modelo SILEX, por conversão a partir de verbos em *-ear* – exs.: *bamboleio, chilreio, recreio e trauteio*⁵. Os restantes são substantivos simples como *meio, seio* ou *veio*.

Um aspecto caracteriza todas as unidades que apresentam esta terminação: dificilmente aceitam a junção de qualquer sufixo derivacional, isto é, dificilmente funcionam como bases de derivação sufixal.

Por exemplo, no caso dos deverbiais terminados em *-eio*, não se regista qualquer derivado por sufixação que os tome por base. No que respeita às restantes unidades em *-eio*, verifica-se que, nos casos onde ocorre um derivado, este se constrói com base na forma latina correspondente – exs.: *meio / médio* (de *mediu-*), *mediano* (de *medianu-*), *mediar* (de *mediare*).⁶

³ Da análise levada a efeito em Correia (1999), pode concluir-se que, em relação a formas como *belo, grande, sublime*, aos quais correspondem nomes de qualidade derivados por sufixação, frequentemente descritos pelos dicionários de língua como adjectivos e substantivos, esses adjectivos não sofrem de facto conversão de abstracção, embora possam ocorrer, em contextos restritos, em posição de distorção categorial, isto é, podem ocupar o lugar de substantivos não modificados em determinados SNs. O seu uso como substantivos não é, portanto, um facto lexical (isto é, não estamos perante substantivos de facto), mas um fenómeno de índole, sobretudo, sintáctica e/ou discursiva.

⁴ *Centeio*_{Adj} é registado em Costa & Melo (1994), sendo definido do seguinte modo: «designativo desta farinha [de centeio] e da palha (colmo) desta planta.» Segundo Machado (1952), o adjectivo latino *centenu-* significaria: «que é em número de cem; centésimo». Ainda segundo este dicionário, o nome latino *centenu-* significaria «(cevada) que produz cem por cada bago» - v. g. *centeio*, vol. II.

⁵ Em termos de gramática tradicional, estes nomes resultam de derivação regressiva.

⁶ Note-se que o verbo português *alhear* provém do latim *alienare*.

Este conjunto de circunstâncias poderia levar a acreditar que a não-atestação de um substantivo derivado a partir de *cheio*_{Adj} por sufixação resultaria, então, de uma impossibilidade de natureza morfofonológica, sendo, portanto, linguisticamente motivada.

No entanto, esta hipótese é contrariada pela ocorrência de *feiúra*_N, construído com base em *feio*, e pela aparente gramaticalidade da forma °*cheiúra*.⁷

Assim, ressalvando embora a possibilidade de virem a descortinar-se outras motivações para a existência desta lacuna, postulo provisoriamente que se trata de uma lacuna lexical accidental.

2.2. *Insólito*

*Insólito*_{Adj} levanta problemas algo semelhantes aos colocados por *cheio*_{Adj}.

Como rapidamente se pode depreender da sua forma, trata-se de um adjectivo directamente importado do latim, datando o seu primeiro registo, segundo Machado (1952), do séc. XVIII, no dicionário de Moraes.⁸

Segundo Corominas 1990 (v. g. *soler*, vol. V), todos os derivados do verbo latino *solere* são cultismos, registando a primeira atestação de *sólito*, particípio passado deste verbo, em castelhano no séc. XVII. No que se refere a *insólito*, o autor adianta que teria sido atestado já no século XVI, sendo bastante mais usual do que *sólito*.

Não foi registado nenhum substantivo de adjectival construído por sufixação sobre a base *insólito*_{Adj}, embora a forma °*insolitude* pareça possível, pelo menos dos pontos de vista morfofonológico e semântico. O mesmo poderia dizer-se da forma positiva do adjectivo, que poderia ter dado origem ao cultismo °*solitude*.

Ferreira (1986) regista o latinismo *solitude*, mas como supletivo culto de *solidão*. Porém, quer *solitude* quer *solidão* provêm de outro étimo, o adjectivo latino *solitudine*-, constituindo, portanto, um par de palavras divergentes, derivadas uma por via popular (*solidão*) e outra por via erudita (*solitude*).

Dada esta situação *solitude* (de *solitudine*-) e °*solitude* (hipotético derivado de *sólito*) constituiriam um par de homónimos em português, sendo que a muito menor frequência do segundo, tenha bloqueado a sua ocorrência em português.

Julgo, então, defensável a hipótese de que tal como a ocorrência de *solitude* (do latim *solitudine*-) bloqueou a ocorrência de °*solitude*, a inexistência desta forma haja, por seu turno, bloqueado a construção da forma possível °*insolitude*.

A confirmar esta hipótese, note-se que também não foi recenseada nenhuma forma cognata °*insolitude* (parafraaseável por “o facto de ser insólito”) em línguas românicas como o francês e o espanhol, onde, porém, se registam as formas, respectivamente, *solitude* e *solitud*, equivalentes do substantivo vernáculo português *solidão*.

Sem ter informações que me possibilitem comprovar de forma mais conveniente as razões desta lacuna, de momento, formulo, então, a hipótese de que o facto de não se ter atestado a forma °*insolitude* pode ter a ver com razões de carácter histórico, que vieram a ser corroboradas pelo uso de *insólito*_N, acabando esta forma por funcionar, presentemente, como elemento bloqueador da ocorrência do derivado por sufixação.

Neste caso, a não-ocorrência de °*insolitude* constitui uma lacuna lexical não-acidental, independente da gramática, motivada pelas condições de actualização da unidade lexical.

2.3. *Naïf*

O adjectivo *naïf*, de origem francesa, entra no português, provavelmente já neste século, para caracterizar a escola pictórica que ficou consagrada com esse epíteto.⁹ Como é possível

⁷ No âmbito do modelo SILEX, “ ° ” anteposto a uma palavra significa que ela é possível não-atestada.

⁸ Cf. Machado (1952), v. g. *insólito*, vol. III.

⁹ Costa & Melo (1994) descreve a entrada *naïf* do seguinte modo: «*adj.* palavra francesa que significa ingénua; crédulo; diz-se da arte, principalmente da pintura natural, ingénua, sem artifícios.» Os dicionários etimológicos de português consultados não incluem esta entrada.

constatar facilmente, trata-se de uma importação alógena¹⁰, isto é, que não sofreu adaptações significativas ao sistema linguístico do português: a nível ortográfico, tal facto pode constatar-se pela manutenção do trema e pela não-inserção de qualquer vogal em final de palavra, como seria de esperar. Do ponto de vista do sistema fonológico do português, esta unidade é também alógena: note-se que as palavras cuja terminação se realiza foneticamente em [ϕ]), forçosamente átono, são sempre empréstimos (sobretudo do árabe, mas também do inglês e, mais raramente, de outras línguas) ou palavras assinaladas como tendo origem obscura ou onomatopáica.¹¹ À excepção da unidade *patife* (marcada como sendo de origem obscura), todas elas aceitam dificilmente ser bases de derivação – cf. *patifaria*.

A manutenção da marcada alogeia desta importação poderá ter a ver com o tipo de registo linguístico em que a forma é normalmente usada, ou seja, ao nível das artes plásticas.¹²

De qualquer forma, aquilo que se pretende aqui demonstrar é que o facto de esta importação manter o seu estatuto de unidade alógena ao sistema do português é aquilo que a impede de funcionar como base de derivação em português, originando a impossibilidade de ocorrência de um nome de qualidade derivado por sufixação em português que a tome por base.

Implicitamente postula-se, portanto, que, para que uma importação possa servir de base à construção de derivados em português, forçosamente ela deverá ter sofrido algum processo de adaptação, pelo menos ao nível fonológico, considerado o nível mais superficial e natural dessa adaptação. Como argumento em favor desta tese poderá avançar-se o caso de uma forma como *stress*: usada como forma simples, normalmente ela surge com uma forma sonora aproximada de [σ ʔpE'σαδυ]; porém, ao ser usada como base de unidades construídas em português, o seu segmento consonântico inicial sofre, geralmente, uma alteração da sua qualidade, passando a ser produzido como [Σ], tal como em *stressado* [ΣʔpE'σαδυ].

A ausência de um nome de qualidade sufixado sofre *naïf* constitui, portanto, uma lacuna lexical não-acidental, dependente da gramática.

2.4. *Animalesco*

O adjetivo *animalesco* é uma palavra construída em português: trata-se de um adjetivo denominal construído com recurso a um dos sufixos disponíveis para esta construção, o sufixo –*esc*-.

Encontram-se em português diversos adjetivos em –*esc*-, alguns importados de outras línguas românicas (a saber, o italiano, o castelhano e o francês), mas a maior parte deles é, a acreditar na informação etimológica dos dicionários, mesmo construída em português.¹³

¹⁰ Em Correia (1999: 241-242), na sequência do proposto por Lerat (1987) e (1988), entende-se que uma importação alógena é aquela que apresenta uma estrutura fonológica, morfológica sintáctica e/ou semântica que é estranha à língua importadora, bem como particularidades ortográficas divergentes das convenções adoptadas nessa língua.

¹¹ As unidades simples (não compostas), nestas condições, que foram recenseadas foram: *adufe, alcadafe, algerife, alifafe, almoxarife, anafe, anéstrofe, antístrofe, apóstrofe, arrequife, arrife, benefe, bife, calfe, cardife, catástrofe, chefe, epanástrofe, epígrafe, epístrofe, esquife, estafe, estrofe, gaffe, golfe, limítrofe, magarefe, malquetrete, monóstrofe, nife, µquife, patife, pufe, rafe, recife, requife, tabefe, tafe-tafe, tabefe, tanafe, tefe-tefe, tonfe, tribofe, xarife/xerife*. A única excepção parece ser *bofe*, tratada como sendo derivada a partir de *bofar*_v.

¹² Note-se que o vocabulário das artes é, normalmente, pouco permeável à adaptação das unidades vocabulares importadas à língua de chegada, pelo menos em português, talvez devido ao facto de os especialistas destes domínios dominarem frequentemente línguas estrangeiras, particularmente as das culturas / dos países que mais influenciam a(s) arte(s) de que são especialistas. A confirmá-lo, pense-se, por exemplo, no vocabulário usado normalmente em produções discursivas sobre música (clássica ou *pop*), dança clássica, etc.

¹³ A dúvida demonstrada em relação às informações etimológicas referentes a estes adjetivos tem a ver com o facto de muitos deles serem construídos sobre antropónimos de figuras reais ou ficcionais, pertencentes à cultura de outros países, nomeadamente, Itália (exs.: *dantesco, juvenalesco, petrarquesco*), Espanha (exs.: *cervantesco, quixotesco*) e França (ex.: *comtesco* – de *Comte*).

Os adjectivos em *-esc-* em português são adjectivos basicamente qualificativos, denominando qualidades axiológicas, que denotam juízos de valor com base em estereótipos e que não se constituem só por si como capazes de denominar uma categoria referencial determinada, salvo para a denominação de alguns estilos artísticos, particularmente literários – note-se que, dos adjectivos analisáveis em *-esc-* recenseados (cerca de 90), apenas *arabesco*, *brutesco*, *burlesco*, *grutesco*, *mouresco*, e *romanesco*¹⁴ apresentam substantivos homónimos atestados nos dicionários resultantes da conversão do adjectivo correspondente.¹⁵

A confirmar o carácter basicamente qualificativo dos adjectivos construídos com *-esc-*, note-se a possibilidade de construir advérbios em *-mente* tomando-os por base – apenas foi atestado no *corpus* o advérbio *principescamente*; mas parecem perfeitamente possíveis formas como *°animalescamente*, *°carnavalescamente* ou *°rocambolescamente*. Ora, é sabido que *-mente* selecciona preferencialmente por bases adjectivos qualificativos.¹⁶

O caso de *parentesco* é um caso exemplar, dado que, por um lado, se trata da única palavra construída com recurso a *-esc-* que não surge registada como adjectivo; por outro, é a única entrada em *-esc-* que é definida lexicograficamente como nome de qualidade. Para esta singularidade contribuirá certamente a sua antiguidade na língua: segundo Machado (1952), a sua primeira atestação situa-se entre 1188-1270. De tal forma que já é mesmo dificilmente recuperável o seu significado estrutural. É como se, por força da erosão do tempo, a palavra se tivesse distanciado irremediavelmente do seu significado estrutural.

Nenhum dos adjectivos derivados por meio de *-esc-* apresenta nome de qualidade equivalente derivado por sufixação. Poder-se-ia pensar, por exemplo, que em relação a alguns deles aquilo que impediria a sua constituição como bases de nomes de qualidades seria o seu carácter estrangeiro (ex.: *rembrandtesco*) ou a sua forma invulgar (ex.: *gil-vicentesco* ou *vitor-huguesco*). Porém, mesmo em formas tão “normais”, tão autóctones como *animalesco* se verifica a inexistência de nome de qualidade sufixado correspondente. Não parece possível a construção dos seguintes substantivos: **animalesquidade*, **animalesquia*, **animalesquismo*, **animalesquidão* e **animalesquez(a)*¹⁷ e **animalescura*. E mesmo o sufixo *-ice*, cuja instrução semântica seria aparentemente mais compatível com *-esc-*, não permite a construção de nome de qualidade sufixado correspondente – parece improvável a construção de um nome como **animalesquice*.

Outros sufixos fazendo parte do paradigma dos afixos que permitem a construção de adjectivos denominais são afectados por restrições específicas, mas, provisoriamente, uma restrição tão categórica quanto esta parece só afectar adjectivos derivados em *-ej-*, *-en-*, *-eng-*, *-enh-* e *-onh-*.

¹⁴ Note-se, ainda, que, destas, *arabesco*, *burlesco*, *grutesco* e *romanesco* são italianismos.

¹⁵ Sobre a construção da estrutura e do significado dos adjectivos em *-esque*, em francês, cf. D. Corbin, Dal, Mélis-Puchulu & Temple 1993 e, ainda, Mélis-Puchulu 1993.

¹⁶ É frequentemente referido na literatura (cf. Rafael Egea 1993 e Scalise *et alii* 1990) que *-mente* não selecciona por bases adjectivos denominais de proveniência, ou seja, adjectivos étnicos. Ora, um adjectivo étnico assume, por vezes, o estatuto de verdadeiro adjectivo predicativo e não de mero adjectivo não-predicativo (relacional). Tal acontece quando o adjectivo étnico passa a denotar uma qualidade ou um feixe de qualidades de tipo estereotípico. Nesses casos, o adjectivo étnico pode funcionar como base de um advérbio em *-mente*. É o que acontece no seguinte excerto:

«E acoriana história, acrescento. Recapitulemos. Os ladrões cumpriram a sua vocação roubando – mas roubaram suavemente, como as vacas pastam na Terceira. A população soube ser cívica, organizando-se na perseguição, como quem recolhe as doações para a festa do Espírito Santo. Cívicos, disse eu, e bem, porque, tendo cercado os bandidos, entregaram a função de prender a quem de direito, a PSP. Esta decidiu agir acorianamente, dentro das normas, e esperou por mandato judicial.» - *Visão*, 11-12-97.

[Retirei este excerto de Vilela 1998: 106]. Sublinhados meus.

A comprovar a passagem do adjectivo étnico a adjectivo predicativo, note-se o seu uso em posição pré-nominal logo no 1º período do excerto.

¹⁷ Não foram encontradas palavras terminadas em **-esquidade*, **-esquia*, **-esquismo*, **-esquez* ou **-esqueza* e **-esquidão*, excepto a própria palavra *esquia* (segundo Costa & Melo (1994), uma variante de *tosquia*) e a palavra *fresquidão*, cuja estrutura, [*fresc*]_{Adj} (*idão*)_{suf}]_N, não se coaduna com os casos agora em análise.

A inexistência de nomes de qualidade construídos por sufixação sobre adjectivos em *-esc-*, tais como *animalesco*, constitui, portanto, uma lacuna dependente da gramática, motivada fundamentalmente por factores de índole morfológica.

2.5. *Oco*

Segundo Corominas 1990 (v. g. *hueco*, vol. III), *oco* deriva do verbo latino *occare*, étimo que deu em castelano *hueco* e em galego *oco*, mantendo estes adjectivos o mesmo significado que em português. Segundo este autor, ainda, *hueco* aparece já em textos medievais. Trata-se, portanto, de um adjectivo verbal, embora em português contemporâneo, uma vez que a forma verbal desapareceu, o adjectivo não seja, de facto, sentido como tal, pelo que seria de esperar que tal adjectivo pudesse servir de base a substantivos deadjectivais em *-idade*, *-ez*, *-eza*, ou qualquer dos sufixos que intervêm na construção destes substantivos. No entanto, tal não acontece.

O adjectivo *oco* tem como forma identificativa (radical) a forma *oc-*, uma forma constituída pela sequência de segmentos VC-. Acontece que esta forma não contém suficiente substância fónica para constituir base de uma derivação, dado que a sua exiguidade não permite a sua identificação quando inserida num derivado: note-se que a forma típica de um sufixo derivacional em português é *-VCV*, pelo que o sufixo a adoptar apresentaria uma substância fónica superior à da base, constituindo uma situação impossível linguisticamente.

Em casos semelhantes, ou quando a base é uma paroxítona terminada em vogal, a língua recorre a duas estratégias possíveis:

- ou recorre ao uso de uma base supletiva, para sustentar o afixo derivacional – exs.: *ocular* < *olho*;

- ou recorre à inserção de um segmento epentético, etimológico ou não – exs.: *lu-n-ar* < *lua*, *nu-d-ez* < *nu*, *cha-l-eira* < *chá*, *cafê-t-eira* < *café*.¹⁸

No entanto, no caso do adjectivo *oco*, nenhuma das estratégias se revela adequada:

- por um lado, o adjectivo *vácuo*, que poderia funcionar como supletivo de *oco* dada a semelhança dos conceitos que um e outro denominam, apresenta uma especialização semântica em relação a *oco* que faz com que o nome de qualidade derivado sobre ele (*vacuidade*) tenha assumido um significado diferenciado e já dificilmente relacionável com *oco*;

- por outro lado, a inserção de um segmento epentético ocorre, em geral, de modo a preservar a vogal final da base quando esta faz parte efectivamente do seu radical (cf. os casos de *nu*, *chá* e *café*). Ora, no caso de *oco*, a vogal final não faz parte do radical da base, sendo um morfema de género – cf. o caso de *lunar*, no qual a vogal final da base *-a*, marcadora de género feminino (*lua*), também desaparece. Assim sendo, a inserção de um segmento epentético parece improvável neste caso.

Dada toda a argumentação acima apresentada, postulo que a não-ocorrência de um substantivo derivado de *oco*_{Adj} por sufixação constitui, então, uma lacuna lexical dependente da gramática, motivada por razões morfofonológicas.

2.6. *Vazio*

Segundo Machado (1952) (v. g. *vazio*, vol. V), *vazio* provém do latim *vacivu*, onde teria o mesmo sentido que em português e a sua primeira atestação data do séc. XIII.

Corominas 1990 (v. g. *vagar*, vol. V), por seu turno, fornece informação mais detalhada, referindo implicitamente que o étimo do castelhano *vacío*, o latim vulgar *vacivus*, é um derivado verbal. Em português, porém, o adjectivo não é sentido como verbal, tanto que sobre ele se construiu o verbo *esvaziar*¹⁹ – embora esteja atestado o verbo *vaziar*, aquele que é mais frequente e, portanto, mais presente à consciência do falante, é *esvaziar*.

¹⁸ Cf. D. Corbin (a publicar).

¹⁹ Note-se que, *esvaziamento* admite a paráfrase "o facto de ser/estar esvaziado". Cf. Correia (1999: 360-383) a propósito de nomes de acção que podem denominar qualidades.

sempre a ocorrência de nomes de qualidade convertidos se encontra bloqueada pela atestação e pela frequência do equivalente derivado por sufixação, o processo óptimo em português para a construção de nomes de qualidade em português.

Este trabalho pretende mostrar as potencialidades da pesquisa sobre restrições à aplicação de RCPs, permitindo explicar a ocorrência de diversas lacunas lexicais dos sistemas linguísticos. O conhecimento aprofundado destas restrições e a explicação das lacunas daí resultantes permitirão, progressivamente, visualizar o léxico como uma componente com estrutura e mecanismos de funcionamento próprios, apagando a velha imagem desta componente como um mero repositório de irregularidades e idiosincrasias, em suma, de tudo aquilo que a gramática não é capaz de explicar.

Bibliografia

- Corbin, Danielle (1987). *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. 2 vols. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Corbin, Danielle (1989). «Contraintes et création lexicales en français». In: *L'information grammaticale*, n° 42, pp. 32-42.
- Corbin, Danielle (1989). «La place de l'histoire dans une morphologie synchronique». In: *Acta Universitatis Wratislaviensis*, n° 1064, pp. 51-67.
- Corbin, Danielle (1991). «Introduction - La formation des mots: structures et interprétations». In: *Lexique 10*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, pp. 7-30.
- Corbin, Danielle (a publicar). *Le lexique construit*. Paris: Librairie Armand Colin (a publicar).
- Corbin, Danielle, Georgette Dal, Agnès Mélis-Puchulu & Martine Temple (1993). «D'où viennent les sens à priori figurés des mots construits? - Variations sur *lunette(s)*, *ébéniste* et les adjectifs en *-esque*». In: *Verbum*, n° 1-2-3, pp. 65-97.
- Corbin, Danielle & Pierre (1991). «Un traitement unifié du suffixe *-ier(e)*». In: *Lexique 10*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, pp. 61-145.
- Corbin, Danielle & Marc Plénat (1992). «Notes sur l'haplologie des mots construits». In: *Langue Française*, n° 96, pp. 101-112.
- Corbin, Danielle, Bernard Fradin, Benoît Habert, Françoise Kerleroux & Marc Plénat (eds.). (1997). *Silicales - Actes do Colloque "Mots possibles et mots existants"* (Villeneuve d'Ascq, Abril de 1997). SILEX / Université de Lille III: Villeneuve d'Ascq.
- Corominas, Joan [com colaboração de José A. Pascual] (1980). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 3ª reimpressão: 5 vols. + 1 vol. de apêndices. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- Correia, Margarita (1999). *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*. Diss. de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (inédito).
- Costa, J. Almeida & A. Sampaio e Melo (1994). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed. revista e ampliada. Porto: Porto Editora.
- Costa, J. Almeida & A. Sampaio e Melo (1998). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª ed. revista. Porto: Porto Editora.
- Cunha, Antônio Geraldo da (1986). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª edição revista e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, Aurélio Buarque da Holanda (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Flaux, Nelly, Michel Glatigny & Didier Samain (eds.) (1996). *Les noms abstraits, histoire et théories*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Galmiche, Michel & Georges Kleiber (1996). «Sur les noms abstraits». In: Flaux, Nelly, Michel Glatigny & Didier Samain (eds.), pp. 22-40.
- Kerleroux, Françoise (1996). *La coupure invisible: Études de syntaxe et de morphologie*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Kleiber, Georges (1984). «Dénomination et relations dénominatives». In: *Langages*, n° 76, pp. 77-94.

- Kleiber, Georges (1997). «Sens, référence et existence: que faire de l'extra-linguistique?». In: *Langages*, n° 127, pp. 9-37.
- Lerat, Pierre (1987). «Le traitement des emprunts en terminographie et en néographie». In: *Cahiers de Lexicologie*, n° 50, pp. 137-144.
- Lerat, Pierre (1988). «Les internacionalismes dans les langues romanes». In: *Hommage à Bernard Pottier*, vol. 2. Paris: Klincksieck, pp. 483-491.
- Machado, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª ed., 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- Mélis-Puchulu, Agnès (1993). «Les adjectifs en *-esque*: d'abord des adjectifs construits». In: *L'information grammaticale*, n° 58, pp. 33-39.
- Piel, Joseph (1940). «A formação dos substantivos abstractos em português». In: *Biblos*, vol. XVI, pp. 209-237.
- Plénat, Marc (1997). «Analyse morpho-phonologique d'un corpus d'adjectifs dérivés en *-esque*». In: *French Language Studies*, n° 7, pp. 163-179.
- Rafael Egea, Esteban (1993). «Restricciones lexicológicas en el uso de los adverbios en *-mente*». In: VARELA, S. (ed.), pp. 282-299.
- Rainer, Franz (1989). *I nomi di qualità nell'italiano contemporaneo*. Viena: Braumüller.
- Rio-Torto, Graça Maria (1996). «Sincronia, diacronia e análise genolexical». In: *Diacrítica*, n° 11, pp. 227-244.
- Scalise, Sergio, Federica BEVILACQUA, Andrea BUOSO & Giovanna PIANTINI (1990). «Il suffisso **mente*». In: *Studi italiani di linguistica teorica ed applicata*. Ano XIX, número 1, pp. 61-88.
- Temple, Martine (1996). *Pour une sémantique des mots construits*. Villeuneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Van de Velde, Danièle (1996). *Le spectre nominal: des noms de matières aux noms d'abstractions*. Louvain / Paris: Éditions Peeters.
- Vilela, Mário (1998). «Dicionário e ensino da língua materna: léxico e texto». In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 2- Fascs. 1-2, pp. 105-117.